

# ARQUIVAMENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTONIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Fimalcção  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

## A' MARGEM

Eis alguns apontamentos que tirámos sobre S. Miguel do Castelo:

**A ARQUITECTURA SINGELA** e tósca desta pequena igreja, a espessura das paredes, os modilhões largos e lisos e o próprio remate da porta em desalinho com o da fachada, tudo nos assegura que a sua construção data dos fins da época primordial romano-bizantina, séc. X.

**A ORNAMENTAÇÃO** do primeiro dos dois arcos tumulares, abertos na parte exterior da parede norte, é perfeitamente igual à da parte principal. Em época remotíssima serviu de sepultura ao Chantre de Coimbra, D. Martim Pais, que instituiu capela com duas missas cantadas e quatro rezadas.

O segundo arco, sem ornatos, pertenceu a Joane Anes Enxate, procurador do número desta vila.

**O PAVIMENTO DA IGREJA** está coberto de campas com emblemas grosseiros, gravados naquelas pedras informes, tais como: lanças, espadas, machados, cruces gregas, etc., as quais devem ser posteriores ao séc. XI.

Em frente da porta principal, no espaço que outrora teve alpendre, como o denotam os modilhões da fachada, há algumas dessas sepulturas, numa das quais se lê: «DE JOAM FRZ».

Quatro destas sepulturas foram deste lugar retiradas em 1933, no momento em que os Mon. Nac. ali mandavam fazer obras de restauro neste monumento religioso.

As quatro tampas sepulcrais encontram-se no Museu Arqueológico da S. M. S., desde o referido ano de 1933. Foram ali catalogadas sob os n.ºs 132, 133, 134 e 136.

«A CELEBRAÇÃO DOS NOSSOS OITO SÉCULOS DE NAÇÃO LIVRE NÃO CONSTITUE UMA SOLENIDADE LOCAL E RESTRITA: É UMA FESTA NACIONAL. REALIZA-SE, NÃO APENAS EM LISBOA, MAS EM TODO O PAÍS, DE NORTE A SUL, NO CONTINENTE, NOS ARQUIPÉLAGOS ADJACENTES, NO IMPÉRIO COLONIAL, E PROCURA UNIR, NO MESMO SENTIMENTO DE PÁTRIA, TODOS OS PORTUGUESES DISPERSOS NO MUNDO.»

JÚLIO DANTAS.

## A lição dos Centenários

COM as Comemorações das Festas Centenárias um dos grandes deveres que se impõem aos historiadores portugueses é o fazerem a revisão da História de Portugal, nas suas melhores páginas deturpadas pelos escritores liberais. Não se admite até que ainda hoje, alguns dos *fósseis* que dêsses tempos ficaram continuem a lançar o seu veneno demo-liberal por cima dessas nossas grandes figuras de antanho — uns fazendo-o por ódio, por má fé, outros talvez por ignorância, incompreensão ou estupidez.

Se nós até já vimos, quando da nomeação, pelo Santo Padre, de Santo António para Padroeiro de Portugal, insurgir-se o sr. Rocha Martins contra o facto, por Santo António deixar a Pátria e viver, por assim dizer, tóda a sua vida no estrangeiro! Uma honra que afirma perante o Mundo a nacionalidade portuguesa do Santo que, como os nossos maiores, foi um dos grandes expoentes da nossa missão civilizadora universalista impugnada por um português!

Uma honra que muitos países desejariam para si, glória por muitos cobiçada — e veja-se o caso da Itália — faz ditar palavras de protesto a um português ... falsificado pelas ideias liberais, embora monárquico. E' assim que eles sabem elevar as figuras maiores da nossa história, é assim que ela se escreveu. E' que o defeito não era da monarquia mas do liberalismo que a falsificou.

E caiu a monarquia, — perdidas as nossas tradições e o nosso caminho secular — porque já não era monarquia. A esses escritores do século XIX que envenenaram tudo, até a sagrada memória dos nossos heróis e santos, devemos o ter-se perdido a nossa consciência de verdadeiros portugueses, formando um ambiente, *meio* onde os verdadeiros nacionalistas não *cabiam*, asfixiavam. Foi esse mesmo *meio* que tornou possível a existência, favorecendo-a até, de todos os vendilhões do templo, que por pouco iam levando a Pátria à beira do abismo, e que, ainda hoje, em último arranco tentam, infiltrando-se, a última vindicta.

De tóda essa farsada liberal, sobressai um môço, desassombrado e intransigente, de antes quebrar que torcer — D. Miguel.

O outro, — rei dum país que roubara à mãe-Pátria — estrangeiro, com ajudas de estrangeiros mercenários é o vencedor.

E como é digno e superior o gesto do proscrito ao negar-se a levar para terras estrangeiras as jóias que eram bem suas mas que ele singelamente confundia como património nacional.

O Infante Santo, D. Nuno Alvares Pereira, D. João III, D. Sebastião, D. João IV, D. João V, D. João VI, D. Maria I... Porque é que ainda não foram canonizados o Infante Santo e Nun'Alvares?

— Qual a razão por que ainda não temos os monumentos aos Gamas, aos Cabrais, aos Reis, heróis e Santos?

E' que — como muito bem disse o grande almirante Gago Coutinho, há mais monumentos do breve capítulo dos caciques liberais que de todo o resto da História de Portugal — ou por má fé, ódio vesgo, ou por inferioridade mental não souberam alcançar a sublime altura em que se encontram esses nossos maiores. Olhando por lentes desfocadas de vidros estrangeiros, vestidos por figurinos estrangeiros, ajudados, para alcançar a vitória, por

(Continua na 3.ª página)

## A' MARGEM

NESTE MESMO MUSEU Arqueológico encontra-se uma outra tampa sepulcral, registada sob o n.º 137, cuja referência de catálogo é a seguinte: «Pedra de sepultura cristã, de forma quadrangular, com as dimensões de 1<sup>m</sup>,53 de comprimento por 0<sup>m</sup>,52 de largura. Tem gravados um machado, um martelo e uma espada de copos. E' desconhecida a proveniência desta pedra, bem como a data da sua entrada no Museu.»

Já aqui nos referimos à necessidade — por simples reintegração histórica — de voltarem de novo ao seu primitivo lugar as tampas destas sepulturas.

**POR VÁRIAS REFORMAS** tem passado esta igreja, e citaremos uma em 1664, empreendida pelo D. Prior da Colegiada, D. Diogo Lôbo da Silveira, que por esta ocasião a despojou da sua maior preciosidade — com a passagem da pia baptismal para a referida Colegiada.

Outra em 1795, realizada pelo seu abade F. J. R. da S.; e foi talvez nesta... que se substituiu o arco cruzeiro primitivo por outro moderno de arquitectura clássica; e a última, a mais completa e a mais escrupulosa, a que se deu princípio a 17 de Agosto de 1874, empreendida por uma comissão presidida pelo arqueólogo Dr. Francisco Martins de Moraes Sarmento.

**NUM CAIXILHO DE MADEIRA**, que existia na sacristia desta igreja, liam-se as seguintes lembranças das antiguidades desta Real Igreja de S. Miguel do Castelo:

«Nesta Real Igreja foi baptizado por S. Geraldo, Arcebispo de Braga, El-Rei D. Afonso Henriques, primeiro de Portugal, no Ano de mil cento e oito.

«Esta Igreja foi Sagrada pelo Ar-

(Continua na página seguinte)

«1940 — E VAMOS A VER SE, DOMINADOS POR TAM ALTA E BELA IDEA, NÃO EXPULSAREMOS DE NÓS O ESPÍRITO DA TRISTEZA E DO MAL, A FIM DE NOS PREPARARMOS PARA FESTEJAR CONDIGNAMENTE O QUE RAROS PODERAM FAZER — OITO SÉCULOS DE INDEPENDÊNCIA, QUERE DIZER, DE VIDA LIVRE E DE TRABALHO INTENSO, EM GRANDE PARTE DESINTERESSADO E A FAVOR DOS OUTROS POVOS DA TERRA.»

SALAZAR.

# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

## NOTICIÁRIO

### 1.º Domingo da Quaresma

**Evangelho** (Mat., IV, 1-11). — Foi Jesus conduzido pelo Espírito ao deserto, onde ia ser tentado pelo demónio. E, tendo aí jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. E, chegando-se a êle o tentador, disse-lhe: «Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se convertam em pães».

Jesus respondeu-lhe: «Está escrito que o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai dos lábios de Deus». Então o demónio o transportou à cidade santa, e o pôs sobre o pináculo do templo, e lhe disse: «Se és o filho de Deus, lança-te daí abaixo, por que está escrito: Ordenou aos seus Anjos que cuidem de ti, e êles te tomarão nas mãos para que não magões o teu pé em alguma pedra». Jesus disse-lhe: «Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus». De novo o tomou o demónio, conduzindo-o a um monte muito alto, e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória deles, e lhe disse: «Tudo isto te darei, se prostrado me adorares». Então Jesus lhe disse: «Vai-te Satanás! Pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e a êle só servirás». Então o deixou o demónio, e vieram os Anjos e o serviram.

**Homília** — Nosso Senhor dá-nos neste Evangelho o exemplo da vida que o verdadeiro cristão deve ter, principalmente durante a Quaresma. É um tempo de recolhimento, instituído pela Igreja para orar os quarenta dias que Jesus passou no deserto, jejuando, orando e vencendo o demónio.

Devemos imitar êste modelo divino e viver santamente na Quaresma, considerando-a como um tempo de

oração, de penitência, de luta, e de santificação.

Escutemos dócilmente esta voz do divino Mestre e multipliquemos a dor da nossa oração, oremos com uma fé mais viva e uma humildade mais profunda, com mais compunção e fervor, algumas vezes de joelhos como os miseráveis que imploram perdão... Assistamos mais vezes à Santa Missa, visitemos mais assiduamente o S. Sacramento e façamos o piedoso exercício da Via-Sacra.

Esforcemo-nos, durante êste santo tempo em que superabundam as graças de Deus, por aproveitá-las melhor a fim de merecer que os frutos da redenção nos sejam aplicados.

Exercitemo-nos diariamente na prática das virtudes cristãs, principalmente naquelas que nos são mais necessárias em virtude do nosso estado, por exemplo, a modéstia, a humildade, a paciência, a vigilância e solicitude para com as criancinhas, etc. Dêmos a todos e em tudo bom exemplo.

Façamos freqüentes vezes actos de fé, esperança e caridade. Santifiquemo-nos, assistindo mais assiduamente e com mais fervor ao Santo Sacrificio da Missa, ouvindo ou lendo com mais atenção a palavra divina: porque o homem não vive somente de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

Meus irmãos, uma vez mais vos peço: façamos que êste tempo de Quaresma seja um tempo de graça e de salvação. Consideremos Jesus no deserto, oremos com êle, façamos penitência e combatamos com êle, vivamos duma maneira digna dele, fructificando em toda a espécie de boas obras; tornemo-nos dignos de ressuscitar com êle para gozarmos da sua presença no céu, por toda a eternidade.

Amen.

### "CORPORATIVISMO"

Falei da organização corporativa — Corporações Medievais — que fez a felicidade do nosso bom povo na Idade Média e eis por conseguinte os dados iniciais.

Procuraremos, abstraindo as suas linhas directrices e adaptando-as ao século XX, visionar o Estado a construir.

Fixemos contudo desde já que o corporativismo é uma teoria experimentada, ao contrário doutras utopias, cuja única realização — a U. R. S. S. — temos de reconhecer como falhada, miseravelmente falhada.

Mas, para sermos totalmente verdadeiros, indiquemos que os principais defeitos que os liberais assacaram às corporações eram três: limitação do direito de trabalhar livremente, criação dum espírito de casta com os defeitos inerentes (nepotismo, defesa egoísta de interesses e situações criadas), porta fechada ao progresso favorecendo a rotina. Afastemos pois cuidadosamente estes escolhos na reforma do Estado vólho. Notemos mais uma vez o duplo

aspecto — psicológico e económico — da questão social, tanto para os patrões como para os operários. E cito apenas o exemplo das Astúrias, onde havia os operários mais bem pagos de Espanha, com creches gratuitas, assistência médica, combóio de graça etc., etc. e contudo foram as maiores feras da guerra. Na Covilhã foram os próprios operários que recusaram o contrato colectivo e todas as vantagens que os patrões lhes ofereciam.

E destes dois aspectos o primacial é o psicológico. Dizia o poderoso industrial católico Leon Harmel, o 1.º realizador da ideia cristã sobre o trabalho: «La question sociale est avant tout une question d'égards». Graças unicamente à mística do trabalho, a Rússia tem conseguido aumentar extraordinariamente a sua indústria, quando os operários quasi morrem de fome; graças à sua moral particularíssima podem os japoneses arruinar impunemente a indústria europeia, remunerando escassissimamente o trabalhador.

Afirmemos pois convictamente o valor das ideias-morais, e entre estas as mais sublimes vigas-mestres da

### Aniversários

12 — Eugeneiro Luiz Acciainoli.

13 — Avelino da Silva.

15 — Tenente António José Leite de Castro e Joaquim Miranda de Carvalho.

17 — D. Luíza Adelaide Cardoso de Meneses Morais, D. Maria do Céu Teixeira Fernandes e D. Livia Schiudler Franco.

19 — Mário Emílio Rodrigues Almeida.

### Conselho Municipal

Para aprovar as bases do orçamento suplementar e autorizar a Câmara a alienar os terrenos sobranes do alargamento da rua dos Palheiros, foi convocado, para a noite de 8 do corrente, o Conselho Municipal.

### Falecimento

Pela madrugada de quarta-feira, dia 7 do corrente, finou-se na sua casa

à rua Paio Galvão a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Laura Duarte Guimarães Xavier, espôsa do sr. António da Silva Xavier. A extinta, que deixou sete filhinhos, era muito estimada tanto pelos excelentes dotes do seu coração bondosissimo como pela sua caridade activa que só em fazer bem se comprazia, modestamente e sem alardes. Por isso a notícia da sua morte se espalhou rapidamente pela cidade causando em todos a mais dolorosa impressão. O funeral que se realizou na Capela da Ordem Terceira de S. Domingos no dia 8 foi muito concorrido, sendo digna de nota a numerosa assistência feminina que prestou homenagem à virtude da saudosa extinta.

Que Deus tenha na Sua Santa Glória quem em vida cumpriu exemplarmente os deveres de espôsa e mãe cristã.

Ressurgimento apresenta a toda a família enlutada e nomeadamente ao sr. António da Silva Xavier, sentidas condolências.

## «OCIDENTE» A' MARGEM

(Continuação da página anterior)

Acaba de sair o n.º 22, correspondente a Fevereiro, com o seguinte sumário: Agostinho de Campos, «António Nobre e os males de Antão», António Arroio, «Soares dos Reis», 1847-1889, Nota de D. M., Américo Pacheco Jorge, «A China que Fausto Sampaio sentiu», Mercedes de Castro Feijó, «Lettre de Paris»-Abd-El-Kader, «Novo Tríptico de Sone, tos africanos», Adolfo Simões Müller, «Palimpsesto», «Salomé», «Regresso», Queiroz Veloso, «Manuel Pinheiro Chagas e o seu tempo», Cap. I, «O Pai», Continuação, Anselmo Braancamp Freire, «Vida e Obras de Gil Vicente», Continuação, João de Castro Osório, «A Tetralogia do Príncipe Imaginário», Terceiro drama lírico, «A Princesa dos Cuidados», Acto I, Jaime Adour da Câmara, «Segundo Centenário da morte de António José», Eduardo Brasão, «Alguns documentos da Biblioteca da Ajuda sobre a Restauração», A. Luiz Vaz, «A rapariga na obra diniziana».

Crónicas: Rodrigues Cavalheiro, «Sob a Invocação de Clio», Diogo de Macedo, «Notas de Arte», Luiz Chaves, «Nos domínios da Etnografia e do Folclore».

Bibliografia: O. C.

Notas e comentários, fins de página, ilustrações e vinhetas.

sociedade, o trinómio sagrado de Deus, Pátria, Família.

Começemos por estabelecer bem a noção de indivíduo, pessoa humana, sociedade, seus fins.

É que o Corporativismo é uma concepção integral e espiritualista. Gaba-se de trazer em si, pelo menos o português, uma explicação suficiente e adequada do papel do homem.

Era-lhe essencial por isso uma filosofia, filosofia que parte da noção de ser humano e de sociedade.

(Continúa no próximo número).

UM VIMARANENSE.

cebispo de Braga D. Silvestre (Ano de 1236) e rezasse da dedicação dela a 30 de Abril.

«Nesta Igreja assistiram os Padres Capuchos da Piedade enquanto não acabaram o seu convento, e entraram nela a 12 de Nov. de 1664, e saíram em procissão solene acompanhados com o rev. Cabido e comunidades, aos 29 de Julho de 1668.

«Foi renovada esta Igreja no Ano de 1795 por mandado do próprio Abade que nela existe Francisco José Ribeiro da Silva.»



**DEPOIS DO ÚLTIMO RESTAURO** — 6 anos depois de concluído — foi a igreja solenemente benzida a 20 de Julho de 1880, havendo em seguida missa cantada e à noite iluminação, música e fogo, com grande concurso e satisfação dos fiéis.

Esta igreja, conhecida por «Capela Real do Conde D. Henrique», foi consagrada ao culto de Santa Margarida, no séc. XIV.

A imagem de Santa Margarida, esculpida em pedra de Ançã, foi oferecida pelo Chantre de Coimbra, D. Martim Pais.

Esta escultura encontra-se actualmente no Claustro do Museu Regional Alberto Sampaio.

### lêde e propagai

## "Ressurgimento"

## Má educação em Guimarães

Lemos no *Notícias de Guimarães* com o título *Educação* um artigo que, embora não indique o lugar onde fôra publicado, se dirigia a uns artigos vindos a lume no *Ressurgimento* subordinados ao título que encima estas notas.

São processos que não usamos. Transcrevemos alguns períodos: — *A educação em Guimarães não é tão deficiente como alguém a procura «pintar»...*

— *Se há mãis que chamam nomes feios, etc... isso não é, porém, o bastante para se fazer uma espécie de «Folhetim»...* — *Por outro lado, quem desconhecer o que se passa a tal respeito e apenas se orienta por aquilo que ultimamente se tem escrito algures, há-de ficar com a desagradabilíssima impressão de que a má educação em Guimarães atinge um grau tão elevado que chega a ser caso raro nos «anais da história».*

— *Felizmente, não é nada disso, porque conhecemos terras onde essa «chaga» é muito maior e muito mais perigosa do que em Guimarães. Sobre a frase aqui publicada «esteja habituado como moleiro habituado está ao ruído do moinho» que era dirigida principalmente a quem nas profere (essas palavras obscenas) insinua-as para as pessoas que as ouvem. A frase onde se diz que as senhoras de Guimarães não são tam ignorantes que não conheçam o sentido das frases que dizem — é claro, dirigidas somente àqueles que as proferem — insinua-as que são dirigidas às senhoras de Guimarães! (sem má fé se veria que as tais senhoras se poderia substituir por mulheres).*

E termina: — *E de resto, não é por meio de espalhafatoso alarido que se contribue para corrigir aquilo que carece de correcção, nem é, tampouco, por esse processo que se eleva o bom nome desta terra, onde a má educação apenas existe como excepção. Toda a gente sabe que Guimarães é uma terra educada e hospitaleira.*

Isto o que escreveram. Vejamos como principiámos os nossos artigos: — *«Não pensem os meus leitores que eu vou referir-me à maioria das pessoas residentes nesta antiga e nobre cidade de Guimarães. Muito longe disto. E, serenamente, com simplicidade, em pequeninos artigos, se focaram alguns aspectos da má educação. Nem estribilhos, nem piadinhas, nem chocarrices — tratado tudo com seriedade.*

Não sabemos usar disso. Focámos só uma verdade. Contra isto se insurgem, com piadinhas, chocarrices, etc., tomando para defesa da má educação em Guimarães o de haver outras terras onde ela é pior! Lindo processo moralizador — pois nós daqui dizemos que conhecemos muitas onde ela quási não existe — e são para os exemplos de cima que nós costumamos olhar. Não será este o processo de se elevar o bom nome desta terra — tratando os seus problemas com seriedade, lealdade e verdade — tomando como exemplos a seguir os que marcam pela sua superioridade, sem espalhafatosos alaridos — basta ver os dois processos de escrever para se notar logo onde estão os alaridos, as piadas, o escândalo — empregando

## A lição dos Centenários

(Continuação da 1.ª página)

mercenários estrangeiros, disso tudo lhe ficou a sua nova alma: mercenária e estrangeira.

Para se formar uma nova mentalidade na juventude precisamos de aproveitar, e óptima lição será, as Festas dos Centenários.

Para a sua realização muito se tem trabalhado — mas não basta. Tem-se descurado, e muito tempo já se perdeu, a preparação das almas môças para assistir a elas — e talvez até seja este um factor a acarinhhar mais para que a lição futura resulte proveitosa.

Conferências, palestras, mensagens, reconstituições teatrais, autos nos nossos liceus, nas nossas escolas, tudo, tudo é preciso para já. Facilidades para montagem e realização, por alunos, de autos, serões literários e musicais onde excerptos dos nossos artistas teriam oportunidade e ambiente.

ANTÓNIO-LINO.

### VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

#### Junta Nacional dos Produtos Pecuários

##### Inscrição de gado bovino para consumo (Conclusão)

7.º Para a chamada do gado inscrito serão fixadas trimestralmente ou por períodos inferiores, quando fôr julgado necessário, as percentagens de fornecimentos que deverão caber à lavoura e aos negociantes de gado.

§ único. Sempre que as ofertas da lavoura não atinjam a cota que lhe tenha sido destinada, considera-se ampliada a cota dos negociantes até perfazer as necessidades do consumo.

8.º Fixada a cota de matança a distribuir pelos negociantes de gado, será a respectiva cota individual estabelecida proporcionalmente ao volume médio dos gados que cada um tenha abatido nos últimos três anos.

§ único. A cota a estabelecer para os negociantes que nunca tenham feito fornecimento de gado será calculada de modo a não exceder a do negociante já inscrito a quem tenha sido atribuída a cota mais baixa.

9.º Sempre que o gado de uma inscrição exceda o consumo de três a oito dias do concelho para o qual foi oferecido poderá no todo ou em parte ser mandado abater noutro concelho de consumo superior.

10.º Para serem aceites as inscrições enviadas pelos negociantes de gado, deverão os interessados fazer o seu registo nas Comissões que desejarem abastecer.

11.º Cada Comissão fará o registo dos negociantes de gado que o solicitarem e que mostrem ter pago a contribuição industrial respectiva.

12.º Os declarantes que não entregarem as reses inscritas na data e local que lhes tenham sido indicados de acôrdo com as respectivas declarações, ficarão sujeitos, pela primeira infracção, à multa

a lógica e a verdadeira significação dos termos. Será por meio de piadas, chocarrices, insinuações e entrelinhas? Temos a certeza que não. Os processos nos definem. E nós orgulhamo-nos disso.

de 100\$00 por cada cabeça que faltar, salvo caso de morte ou doença.

§ 1.º As reincidências serão punidas de acôrdo com as disposições do artigo 36.º do Decreto-Lei n.º 20.749.

§ 2.º E' admitida a tolerância de 10 p. c. no total das reses inscritas.

Nota. As inscrições feitas nos serviços de abastecimento na Câmara Municipal de Lisboa terão de ser imediatamente rectificadas em declaração dirigida à J. N. P. P.

Os preços de compra do gado bovino, pôsto em Lisboa, são os seguintes:

a) Para o gado bovino adulto: — 85\$00 os 15 kgs. para a 1.ª qualidade e 80\$00 os 15 kgs. para a 2.ª qualidade.  
b) Para o gado bovino adolescente: — 8\$00 o kg. para a 1.ª qualidade e 7\$50 o kg. para a 2.ª qualidade.

Os preços a vigorar nas restantes Comissões de Abastecimento são os estabelecidos para Lisboa, deduzidos das despesas de colocação.

Estes preços são os que a J. N. P. P. considera como devendo funcionar todos os anos na Primavera e no Verão. São, porém, postos já em vigor, atendendo-se à proximidade a que estamos da Primavera e ao inconveniente da modificação de preços em prazos curtos.

A partir do próximo Outono, em data que será oportunamente fixada, os preços do gado bovino adulto sofrerão um aumento de 10\$00 por arrôba.

As inscrições devem fazer-se nas seguintes Comissões da Junta Nacional dos Produtos Pecuários:

Lisboa, Rua Barata Salgueiro, n.º 47; Pôrto; Alemquer; Aveiro; Barreiro; Beja; Braga; Bragança; Caldas da Rainha; Cascais; Castelo Branco; Chaves; Covilhã; Elvas; Evora; Faro; Figueira da Foz; Gondomar; Guarda; Guimarães; Leiria; Loures; Mafra; Maia; Matozinhos; Oeiras; Portalegre; Santarém; Setúbal; Sintra; Tomar; Tôres Vedras; Viana do Castelo; Vila do Conde; Vila Franca de Xira; Vila Nova de Gaia; Vila Real; Viseu.

Nas Comissões acima indicadas, podem os interessados informarem-se sobre a forma de pagamento e despesas de colocação.

Lisboa, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, 21 de Janeiro de 1940.

## João Ferreira das Neves

Rua do Santo António — Telefone 181

### GUIMARÃIS

#### Horário das carreiras de caminhetas

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS

#### PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.  
B — Efectuam-se aos Sábados.  
C — Efectuam-se diariamente.  
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.  
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.  
F — Efectuam-se só aos Domingos.

#### HORÁRIO DA CARREIRA

DA

#### PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

#### De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

#### De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS

DO

#### PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho  
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro;  
C — Não se efectua aos Domingos.

# PELA VERDADE Guimarães agradece

Proposta do sr. Vereador dr. Castro Ferreira aprovada em sessão da Câmara de 7 de corrente

«Menti, menti sempre, que da mentira alguma cousa fica», disse Voltaire e fez escola.

Em Guimarães uma das falsidades que os discípulos do filósofo gaulês com mais afinco se empenham em propalar é a de que foi completamente nula e marca uma época de apatia na vida do concelho a acção da Comissão Administrativa da minha presidência — Junho de 1934 a Outubro de 1937.

Nada mais contrário à verdade, como vamos ver. Mas a mentira tem-se repetido tanto, a campanha tem sido tam insistente e tam traiçoeira e tem-se coberto tam habilmente com a capa de bairrismo, que muitas pessoas de boa fé, que graças a Deus constituem a grande maioria da população vimaranense, incapazes de mentir e julgando os outros por si próprias, são levadas a admitir as mais refalsadas mentiras, de tanto as ouvirem proclamar. Envenenado o ambiente, fácil é envenenar também as inteligências.

E' para essas pessoas de boa fé que escrevemos, sem termos a veleidade de supor que os autores da campanha de falsidades se convençam dos seus erros e emendem os seus processos.

A vereação de Junho de 1934 a Outubro de 1937 foi norteada por duas grandes preocupações: a de aproveitar ao máximo as receitas do município e a de proceder com equidade na distribuição dos benefícios municipais.

De harmonia com a primeira destas preocupações, não se interrompeu nenhuma das obras que estavam em curso — se tal se fizesse o município viria mais tarde a pagar os prejuízos — e até se continuaram várias que estavam interrompidas. Dentre as primeiras citaremos a construção da praça do mercado, a pavimentação a paralelepípedos da estrada de Fafe — rua 31 de Janeiro — o empedramento da estrada de Santa Maria do Souto à Careta, a terraplanagem da estrada da Curveã e a conclusão do bairro d'Arcela (junto à estrada de Fafe). A terraplanagem da avenida dos Pombais estava interrompida havia certo tempo, quando a Câmara tomou posse; essa obra foi continuada e levada ao estado em que hoje se encontra; também estava interrompida, salvo erro, a estrada municipal de Ronfe à Ponte de Serves; a terraplanagem prosseguiu e concluiu-se; a estrada de Campelos à estrada de Braga não chegara a terminar-se, apesar de haver uma comparticipação avultada para a sua execução; foi também concluída gastando a Câmara nessa obra pouco mais que a comparticipação que faltava receber.

Do que fica dito uma conclusão se impõe: A Câmara de minha presidência não se preocupou com fazer obra exclusivamente sua, mas teve apenas a preocupação de bem servir o concelho. Nisto limitou-se a dar cumprimento às declarações que no acto de posse eu havia feito: *A Guimarães não interessa que o seu progresso, as suas aspirações, sejam realizadas por esta Câmara ou por outra; importa-lhe sim que se realizem.*

Orientada por este critério, nada interrompeu; preferiu antes continuar diversas obras, algumas das quais estavam interrompidas havia anos. Eram, e ainda hoje são, muitos os quilómetros de estradas municipais que não estavam devidamente empedrados; deterioravam-se de dia para

dia e se se lhes não acudisse a tempo arruinar-se-iam inteiramente; procedeu-se, na medida do possível, ao respectivo empedramento, convindo citar especialmente um troço da estrada das Taipas à Falperra, a estrada de Souto a Santo Estêvão de Briteiros, a estrada da Penha à Lapinha e um troço do caminho de Pinheiro.

No desejo de bem aproveitar os dinheiros do município, não se fazia obra de vulto que não fôsse comparticipada pelo Estado. E assim conseguiu-se a comparticipação para tôdas as obras de que esta Câmara teve a iniciativa e alcançou-a também, após porfiados esforços, para a construção da praça do mercado e para a avenida dos Pombais, que se haviam iniciado sem comparticipação; para a primeira deu o Estado 100 contos, para a segunda concedeu 169 contos, de que a Câmara recebeu 108.776\$15.

Não se começava obra que não fôsse comparticipada, porque, dispondo a Câmara de cerca de 500 contos para melhoramentos, conseguindo-se 40 % de comparticipações, podiam realizar-se obras que valessem 700 contos. Só no ano de 1935 recebeu a Câmara, do Estado, perto de 400 contos.

Além das obras indicadas, foram realizadas com a comparticipação do Estado as seguintes: Construção de retretes do liceu; passeio da placa do largo da Condessa do Juncal; construção dos lavadouros de S. Lazaro e reparações nas Escolas Centrais, na cidade; fora da cidade: grande reparação da Rua Dr. Abílio Tôrres, de Vizela, estrada de Louvazim, em Lordelo, estrada de Polvoreira (da estrada de Gémeos até à igreja), cemitério de Gondar, grande reparação da estrada do Pevidém, estrada de Gondar, construção de edifícios escolares em Gondar, Silves, Campelos e S. Clemente de Sande e reparações em muitas escolas do Concelho.

Sem comparticipação apenas se fez a pavimentação de parte da rua do Gravador Molarinho, deu-se um aspecto decente ao chamado Castelo dos Almadas, gastaram-se cerca de 100 contos em explorações de água na Serra da Penha e construíram-se, de colaboração com a Câmara de Santo Tirso, duas pontes de cimento sobre o rio Ave, na freguesia de Moreira de Cónegos.

Sem se agravarem os impostos, mas fazendo-se apenas uma melhor arrecadação e distribuição mais equitativa dos existentes, conseguiu-se que as receitas municipais tivessem um aumento superior a 100 contos.

O critério de justiça na repartição dos benefícios municipais levou a Câmara a não dispender exclusivamente na cidade tôdas as suas receitas livres e a contemplar também as freguesias com uma parte dos melhoramentos que era possível realizar, antecipando-se assim ao que agora dispõe o Código Administrativo que obriga as Câmaras a dispender nas freguesias rurais 25 % dos adicionais às contribuições do Estado.

Os dinheiros da Câmara foram administrados com todo o escrúpulo e podemos afoitamente afirmar que ninguém os zelou melhor; todavia, tanto na gerência de 1934-35 (18 meses) como na de 36 os saldos não atingiram duas dezenas de contos; tudo se gastava em benefício do concelho.

Convém ainda acentuar que durante

«Tendo o Govêrno de Salazar, por intermédio da pasta das Obras Públicas, dispensado grandes benefícios que decididamente vão contribuir para o progresso de Guimarães, não só realizando as obras dos majestosos Paços dos Duques de Guimarães, mas também concedendo avultadas comparticipações com as quais se realizam importantes melhoramentos nesta cidade, ao iniciarem-se mais as obras no local dos Palheiros, que assim ficará transformado numa grandiosa avenida de acesso aos Paços dos Duques de Guimarães, obra esta há tanto tempo idealizada, mas só agora realizada graças à dedicação de sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro das Obras Públicas e ao Govêrno de Salazar, como vimaranense que sempre sabe ficar reconhecido a quem tam manifesta e

os três anos da sua administração a Câmara trabalhou em perfeita união com os organismos políticos e com as forças vivas do concelho. O resultado dessa colaboração foram alguns acontecimentos que ultrapassaram os limites do concelho e do distrito e tiveram repercussão em todo o país. Os benefícios resultantes dalguns deles está hoje Guimarães a colhê-los.

Não esquece a festa do 1.º de Maio de 1935, que foi indiscutivelmente a melhor das que até hoje se realizaram, nem a vibrante e calorosa manifestação de 27 de Maio de 1936 feita a Suas Ex.<sup>as</sup> o Sr. Presidente da República e Chefe do Govêrno, nem a participação do nosso concelho nas festas do 1.º de Maio de 1936 em Barcelos e de 1937 em Famalicão.

Da festa do 1.º de Maio de 1935 surgiu o bairro operário de Urgez, para o qual a vereação de 1935 expropriou os terrenos, fazendo depois as terraplanagens necessárias; da recepção delirante de que foram alvo o venerando Chefe do Estado e o illustre Presidente do Conselho resultou o restauro dos Paços dos Duques de Bragança e o Parque do Castelo, que se estão realizando. Com efeito, nesse dia memorável de 27 de Maio de 1936, no hotel da Penha, antes do almoço que Guimarães ofereceu aos seus illustres hóspedes, pediu-se ao Chefe do Govêrno que recebesse uma comissão de vimaranenses em Lisboa. Essa comissão foi recebida dias depois, em 5 de Junho, salvo erro, e o Sr. Dr. Oliveira Salazar prometeu prestar a melhor atenção às pretensões de Guimarães. Duas delas — e de que vulto! — estão a ser satisfeitas; aguardemos que o sejam ainda outras.

Em conclusão: nos três anos de 1934-1937 trabalhou-se com fé e dedicação pelo concelho; os vimaranenses vibraram de intenso entusiasmo e chamaram sobre a sua terra as atenções dos poderes públicos e de todo o país, viveu-se intensamente o ideal nacionalista e começaram a transformar-se em realidade algumas das mais caras aspirações de Guimarães e há quem chame a tudo isto apatia!

Apatia houve-a, e grande, nos olhos que se fechavam obstinadamente a tôda esta claridade e preferiam, à luz radiosa do sol a prumo, as trevas da ignorância e da mentira.

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

expontâneamente serve a cidade berço da nacionalidade portuguesa;

Proponho:

Que Sua Ex.<sup>a</sup> o Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Engenheiro Duarte Pacheco, seja nomeado cidadão honorário de Guimarães e que desta deliberação se dê conhecimento à Comissão dos Centenários para que, durante as comemorações nesta cidade, a Sua Ex.<sup>a</sup> seja entregue, com tôda a solenidade, o diploma conferindo-lhe o título honorífico que bem merece.

Guimarães, 7 Fev. 940.

*Ressurgimento* aplaude calorosamente esta proposta e felicita tanto o proponente como a Câmara que a aprovou por unanimidade.

## “Ressurgimento”

Ao voltar ao berço da Pátria, esta linda e fidalga terra de Guimarães, onde durante alguns anos, bastante afastados já, tive a felicidade de prestar os meus humildes serviços a uma instituição de caridade das mais importantes, se não a mais importante desta terra — Oficina de S. José de Guimarães — foi-me dado o grato prazer de tomar nas minhas mãos um jornal, de formato pequeno, encimado por um título de grandiosa significação — **Ressurgimento**. Como português cristão e católico que muito me orgulho de ser e, portanto, com um firme interesse de que Portugal ressurgja, deveras, li-o atentamente, e atentamente meditei na grandeza e sublimidade das doutrinas que propaga com denodo e brilho, doutrinas que, desde logo, classifiquei de verdadeiramente nacionalistas. Desde logo jurei amor e dedicação ao aludido *Semanário Nacionalista* que eu quisera fôsse assinado por tôdas as pessoas desta terra de tam soberbas e gloriosas tradições, e lido com atenção, por aquelas pessoas mesmo que ainda não compreenderam bem o **nacionalismo puro** que o *Estado Novo* de todos espera, para que, de facto, se constate, cada vez mais, o verdadeiro *Ressurgimento* desta abençoada terra portuguesa — Pátria de grandes heróis e grandes santos.

Avante, jornal querido! Espalha por tôda a parte, com amor sempre crescente a Guimarães e a Portugal, a grandiosidade da doutrina que tam sãbiamente expões, e que exemplarmente vivem, com certeza, aqueles que te dirigem e te apresentam em público, aos quais tomo a liberdade de apresentar, com o oferecimento da minha humilde colaboração, as minhas sinceras felicitações com votos ardentes das maiores prosperidades.

4-2-940.

PAULINO LOBO

## Preço da assinatura

Anual . . . . .	24\$00
Semestre . . . . .	12\$00
Trimestre . . . . .	6\$00
Avulso . . . . .	\$50